

## Reflexões sobre edição de textos históricos

### *Reflections on editing historical texts*

Carla Oliveira<sup>1</sup>

Laura do Carmo<sup>2</sup>

#### **Resumo:**

O presente texto tem como ponto de partida a participação no projeto “Levantamento de fontes e transcrição de textos para Obras Completas de Rui Barbosa”, da Fundação Casa de Rui Barbosa, com (?) a leitura da obra *Publicação de documentos históricos*, de Emanuel Araújo, e propõe reflexões acerca do ofício de publicação de textos históricos, sejam eles de cunho literário, técnico, documentos oficiais, cartas etc. Enfatizando a importância dessa prática, que possibilita o resguardo da memória e a circulação de conhecimento, o artigo tem como objetivo, ainda, abordar alguns diferentes tipos de edição e suas respectivas relevâncias, de acordo com seus públicos-alvo. Finalmente, baseadas em apontamentos pinçados de César Nardelli Cambraia, no seu livro *Introdução à crítica textual* (2005), pretendemos mostrar como o trabalho de edição, se feito de maneira cuidadosa e adequada, é capaz de revigorar uma obra do passado e, sobretudo, potencializar o que ela tem a oferecer ao longo do tempo.

**Palavras-chave:** Publicação de documentos históricos; edição; crítica textual.

#### **Abstract:**

The reading by Emanuel Araújo of his paper *Publicação de documentos históricos* during the project "Survey of sources and transcription of texts for Complete Works of Rui Barbosa", at the Casa de Rui Barbosa Foundation, was the starting point of this text in which we propose reflections on the craft of publishing historical texts, whether literary, technical, official documents, letters, etc. Emphasizing the importance of this practice, which allows the preservation of memory and the circulation of knowledge, this article also aims to address some different types of edition and their respective relevance according to their target audiences. Finally, based on notes taken by César Nardelli Cambraia in his book *Introdução à crítica textual* (2005) we intend to show how editing work, if carefully and properly done, is able to reinvigorate a work from the past and, above all, to enhance what it has to offer over time.

**Keywords:** Publication of historical documents; edition; textual criticism.

---

<sup>1</sup> ORCID: 0000-0003-4270-9686. Carla Oliveira. Graduada em Comunicação Social e Letras (UERJ) e mestranda em Literatura Brasileira, com pesquisa em corpo na poesia contemporânea e artes visuais, que conta com bolsa concedida pela CAPES. E-mail: [oliv\\_carla@hotmail.com](mailto:oliv_carla@hotmail.com)

<sup>2</sup> ORCID: 0000-0001-6312-4869. <sup>2</sup>. Laura do Carmo. Doutora em Língua Portuguesa e pesquisadora do Setor Riiano da FCRB. E-mail: [laura.carmo@rb.gov.br](mailto:laura.carmo@rb.gov.br).

## 1 Introdução

À primeira vista, o tema edição de textos históricos pode parecer objeto de atenção de apenas um seletor e apaixonado público de especialistas e estudiosos, entre eles filólogos, historiadores e tradutores. Contudo, um olhar um pouco mais atento já é suficiente para revelar a importância dessa atividade para o mundo que conhecemos. Para materializar tal relevância, basta lembrarmos da carta de Pero Vaz de Caminha, um documento importantíssimo escrito em 1500, que ficou "esquecido" por dois séculos na Torre do Tombo, em Lisboa, ganhou uma cópia em 1773 e tornou-se público apenas no século XIX.

E não é preciso ir tão longe, até a *Carta de Achamento do Brasil*. A edição de textos históricos também é imprescindível para a recuperação da memória de um período e de um modo de tratar questões sociais, históricas, linguísticas, culturais, entre outras. São ferramentas que permitem refletir sobre a evolução dos direitos civis, da política, trazendo à luz posicionamentos que contribuíram para a construção da sociedade que conhecemos hoje.

O livro *Publicação de documentos históricos*, de Emanuel Araújo, lançado em 1985, ainda é relevante no que tange ao ofício de edição. Apesar de ser quase uma brochura, nele é possível encontrar os métodos de trabalho utilizados por vários editores (ou filólogos), como também os muitos percalços enfrentados pelo caminho.

Para começar, Emanuel destaca a importância dos arquivos públicos, que transcende o âmbito da pesquisa em ciências humanas. A divulgação de seus conteúdos desempenha um papel essencial nas ações do presente. Essa “memória” pode legitimar um país, pode ser subsídio para entender um problema de fronteira, como, por exemplo, a “Questão do Acre”, discussão que mobilizou a política externa brasileira, entre 1899 e 1901, acerca dos direitos do Brasil sobre o território acreano.<sup>3</sup> Essa questão mereceu longos textos de Rui Barbosa, que podem ser consultados em diferentes tomos dos anos de 1899 a 1904 da coleção *Obras Completas de Rui Barbosa*.<sup>4</sup> Além disso, em 1910, a questão é novamente discutida por Rui, como advogado, nos tomos intitulados *Direito do Amazonas ao Acre Setentrional*. Mas não só grandes questões. Litígios entre cidadãos também são fontes de consulta para se historiar

---

<sup>3</sup> O Tratado de Ayacucho (1867), que estabelecia a fronteira entre Brasil e Bolívia, trazia, em seu artigo II, uma falha em relação às coordenadas da nascente do rio Javari, um dos demarcadores utilizados. A partir de 1877, com a ocupação desse território por migrantes nordestinos em busca da exploração da borracha, a discussão veio a lume com força, resultando, inclusive, em revoltas. A questão foi resolvida apenas em 1903, com o Tratado de Petrópolis, proposto pelo barão do Rio Branco. Para mais detalhes, ver COUTO, Felipe Rabelo. A questão do Acre e a solução nacional de Rui.

<sup>4</sup> As *Obras Completas de Rui Barbosa* estão disponíveis para consulta em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/rbonline/obrasCompletas.htm>

soluções jurídicas, como é o caso de um parecer redigido por Rui Barbosa, em 1912, a respeito de uma contenda decorrente da construção de um muro comum entre dois terrenos.<sup>5</sup>

Além disso, Emanuel enfatiza que uma das finalidades da impressão e publicação desses documentos é preservar os papéis originais do manuseio, promovendo uma melhor conservação dos mesmos. Se o documento está bem conservado, ele atravessa gerações e novas edições podem ser feitas a partir dos originais. Vale ressaltar que, mesmo com as benesses da tecnologia, que tem possibilitado a digitalização de textos, muitas vezes apenas o contato com o próprio documento permite sanar certas dúvidas. Por exemplo: trata-se de acento ou de marca do papel; trata-se de rasura ou furo etc.

A publicação de documentos fundadores ganhou força por meio do movimento historicista do século XVIII na Europa, que tinha como inspiração a técnica de edição da Antiguidade Clássica e era embalado pelo Romantismo que florescia à época. A primeira grande iniciativa ocorreu em 1819, na Alemanha, com a criação da Sociedade para o Estudo da Antiga História da Alemanha. A instituição pretendia publicar as *Fontes históricas da Alemanha de 500 a 1500*.

O sucesso dessa coleção repercutiu em vários países, que desejaram também criar instituições semelhantes à sociedade germânica, como, por exemplo, Portugal, que, com Alexandre Herculano, iniciou a empreitada *Fontes históricas de Portugal do século VIII ao XV*. O Brasil não ficou de fora e, em 1838, nasce o Instituto Histórico e Geográfico, que tinha como propósito essencial firmar uma identidade nacional. Mas, ao contrário de nossos colonizadores, por aqui o trabalho de organização de semelhante coleção sequer começou, devido à dificuldade de reunir nossos três séculos de história difusos em uma massa documental esparsa e desordenada entre arquivos, códices, publicações avulsas etc.

Por conta desse entrave inicial, um considerável grupo de historiadores formado pelo barão de Sturdart, Capristano de Abreu, Jaime Cortesão e Francisco Adolfo de Varnhagen, que foi responsável pela publicação do até então desconhecido Gregório de Matos, editou um sem-número de documentos de maneira desconectada, sem critérios de edição ou qualquer normalização geral. Apesar dessa desconexão, os documentos publicados na *Revista do IHGB* e nos *Anais da Biblioteca Nacional* são de grande valia.

Um exemplo interessante, na longa história dessa aventura que é a edição, é a carta de José de Anchieta, de 1556, editada por Simão de Vasconcelos um século depois. Essa versão

---

<sup>5</sup> Parecer de 1912 (no prelo) em que Rui Barbosa acerca de copropriedade de um muro entre terrenos pertencentes a dois proprietários distintos.

falha foi republicada depois em uma coletânea. Apenas em 1950, Serafim Leite fez a colação com o manuscrito original, que, felizmente, ainda estava preservado, o que não tinha sido feito na primeira publicação.

Muito tendes carissimos Irmãos, que dar graça ao Senhor, porque vos faz participantes de seus trabalhos, & enfermidades [em] as quais mostrou o amor que nos tinha: Rezam sera que o siruamos ao menos algum pouco, tendo grande paciencia nas enfermidades, & nestas perfeioar a Virtude. A larga conuersaçam que tive nessas enfermarias, me fas nam poder esquecerme de meus carissimos coenfermos, dezejando velos curar, com outras mais fortes mezinhas, que as que là se vsam; porque sem duuida pello que em mim experimentei vos posso dizer que estas mezinhas materiais, pouco fazem, & aproueitam<sup>6</sup> (VASCONCELOS, p. 52, apud ARAÚJO, 1985, p. 29)

Muyto tendes, charissimos enfermos, que agradecer a Nosso Senhor por vos fazer participante[s] de suas infirmitades, nas quais, pois elle mostrou mais o amor que nos tinha, rezão hee que lho paguemos ao menos algun poquichinho com têremos grande patientia em as infirmitades, e em ellas perfeioar a virtude. Ha muita e longa conversação que tive com essas enfermarias me faz, Charissimos, não me poder esquecer de meus antigos coinfirmitos, deseizando de os ver curar com outras mezinhas mais fortes das que lá tendes, porque sem duvida, segundo o que quá tenho visto e experimentado em mym, conheço quam enganado vivia enquanto usey dessas tam exquisitas meezinhas, as quais tenho para mym que servem mais de acrecentar a doença e mimo, que de sarar ou dar algum pedaço de patientia (ARAÚJO, 1985, p. 29).

Em defesa de Simão de Vasconcelos e de todos os editores, César Nardelli Cambraia diz, na obra *Introdução à crítica textual*, publicada em 2005, que a cada cópia que se faz de um texto sua constituição muda – seja por ato involuntário, seja por ato voluntário de quem o copia, e que o objetivo primordial é justamente a restituição da forma genuína dos textos. Para o autor, no processo de transmissão dos textos, é inevitável a ocorrência do “erro”, entendido por ele como modificação não autoral do texto.

## 2 Diferentes tipos de edição

Falando de questões mais práticas, há muitas maneiras de se editar documentos históricos e não há forma perfeita para fazê-lo. Na obra *Publicação de documentos históricos*, Araújo faz comentários sobre um certo conflito perante a escolha do tipo de edição: alguns filólogos e historiadores julgavam que a opção por uma leitura contemporânea privava o leitor

---

<sup>6</sup> A versão editada por Simão de Vasconcelos está disponível em *Vida do veneravel Padre Ioseph de Anchieta*, capítulo 1, p. 52). A preposição “em”, entre colchetes, consta no original, de Simão de Vasconcelos. *Memória e Informação*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 74-85, jul./dez., 2022

de entrar em contato com o escrito em sua integridade e que, trazendo-o para o século XX, nele se introduziriam formas da língua que eram desconhecidas no momento em que o texto foi escrito.

Tudo vai depender do público-alvo: é uma edição para estudos linguísticos? É uma edição para divulgação do conteúdo?

Portanto, uma hierarquia de valores dos tipos de edições não faz sentido. Todas elas têm a sua importância, sejam diplomáticas, aquelas em que se pretende reproduzir a transcrição paleográfica do texto original, sejam edições em que há interferência do editor (colchetes, notas ou com a opção de uma leitura contemporânea, com atualizações ortográficas, de pontuação etc.).

Há edições que não atualizam a ortografia, como, por exemplo, onde encontramos a palavra “Nichteroy” em vez de “Niterói”. A não atualização oferece mais dificuldades ao leitor não familiarizado com textos escritos no século XIX. Outra questão é a opção pelo uso de palavras estrangeiras. Por exemplo, *chauffeur*, que, no início do século XX, ainda não havia sido aportuguesada (*chofer*). Para citar dois exemplos corriqueiros.

Ademais, é possível perceber que, no dia a dia, classificar os tipos de edição de acordo com as interferências do editor é quase impossível, dada a variedade de nuances em cada projeto. Num extremo está a edição fac-similar e no outro a edição crítica e anotada. Entre elas, há uma série de modalidades cuja nomenclatura é variada: diplomática, diplomática interpretativa, paleográfica, fidedigna, crítica, anotada etc. Na verdade, as decisões sobre os critérios variam de obra a obra e eles são estabelecidos quando se conhece a obra, as fontes e, claro, quando se estabelece o leitor a ser atingido.

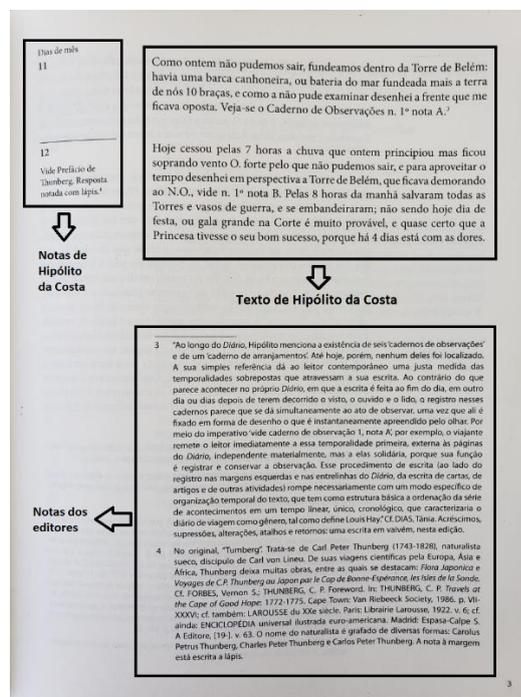
A escolha acerca do tipo de edição não é simples. Apesar da leveza e da facilidade que uma edição “simplificada” proporciona à leitura, há que se pesar, ainda, a confiança que o leitor precisa conferir ao editor, daí mais uma vez se coloca a importância do nosso trabalho. Nem tanto a “orgia de erudição”, de que Emanuel Araújo (1985, p.15) fala, nem a omissão diante de casos complexos.

Há que se destacar, também, que os problemas são maiores quando se pretende oferecer ao leitor contemporâneo um texto elaborado há séculos, onde se encontram inúmeras formações fonêmicas, morfológicas e sintáticas desusadas. Transcrever a carta de Caminha (século XVI) é certamente um desafio maior que transcrever o *Diários da Filadélfia* (início do século XIX) de Hipólito da Costa, que é maior que transcrever as correspondências de Rui Barbosa (final do século XIX e início do XX), como ficará patente pelos exemplos que veremos a seguir.

### 3 Alguns exemplos

Para materializar a diferença entre os tipos de edições, com seus respectivos e diversos desafios, é possível pensar na publicação de *Diários da minha viagem para Filadélfia* de Hipólito da Costa, trabalho minucioso feito pela pesquisadora Tânia Dias, da Casa de Rui Barbosa. Trata-se de uma edição crítica anotada, de interesse histórico e científico, que pode alcançar uma vasta gama de leitores, pois está com a ortografia atualizada. Por outro lado, conta com robustas notas de ordem filológica, como podemos ver na imagem abaixo, atendendo, também, a estudiosos da língua.

**FIGURA 1** – Edição crítica anotada.

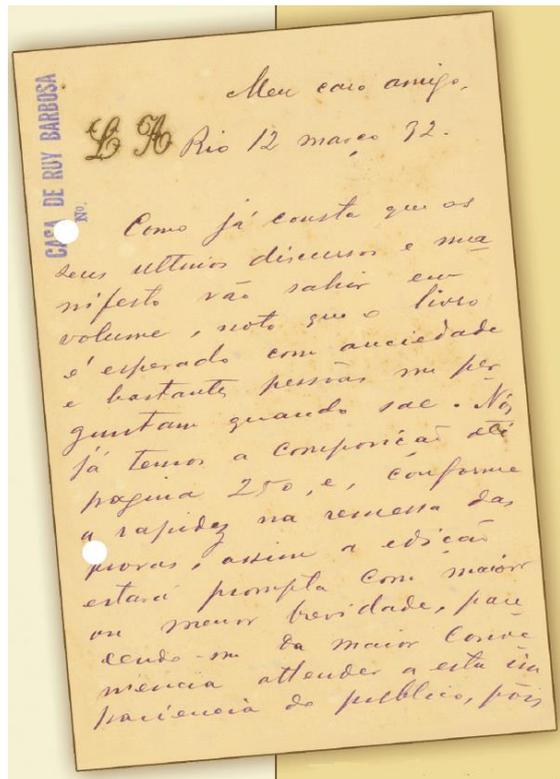


Fonte: *Diário da minha viagem para Filadélfia*, de Hipólito da Costa.

Outro exemplo é o livro *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866-1899)*, feita por Dinah Callou e Afrânio Gonçalves Barbosa, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A transcrição é paleográfica-interpretativa e fac-similar, pois imagens dos manuscritos acompanham o livro, que conta com um CD complementar.

Mesmo se tratando de uma carta de 1892, apenas um pouco mais de um século atrás, a leitura apresenta óbices a um leitor comum, como, por exemplo, a grafia de *ansiedade* (com c), de *pronta* (prompta), entre outras palavras. As barras, que forjam a divisão de cada linha da carta original, também podem confundir um leitor não acostumado com edições como essas. Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 74-85, jul./dez., 2022

**FIGURA 2** – Edição paleográfica-interpretativa e fac-similar.



Fonte: CD que acompanha o livro *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866-1899)*

Carta 4

[p. 1]

Meu caro amigo:

L A Rio, 12 março 92

Como já consta que os / seus últimos discursos e ma- / nifestos vão sahir em / volume, noto que o livro / é esperado com anciedade / e bastante pessãoas me per- / guntam quando sae. Nós / já temos a composição até / pagina 250, e, conforme / a rapidez na remessa das / provas, assim a edição / estará prompta com maior / ou menor brevidade, pare- / cendo-me da maior conve- / niencia attender a esta im- / paciencia de publico, pois

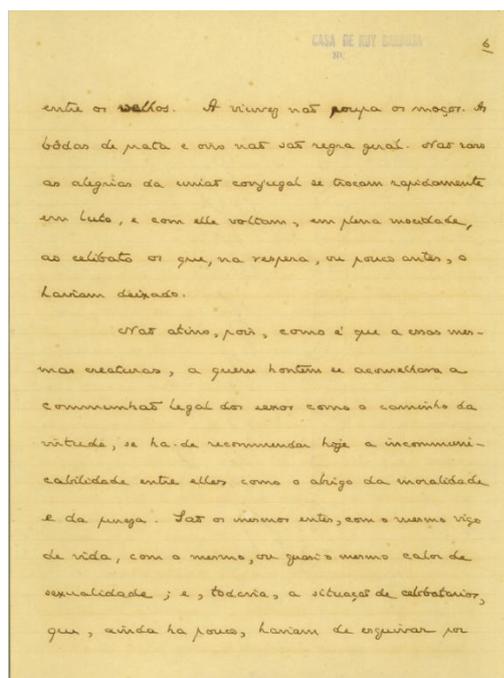
Há o caso das Obras Completas de Rui Barbosa, coleção organizada pela Fundação Casa de Rui Babosa que teve início na década de 1940 e tem como objetivo a publicação de todos os textos preservados de Rui, que atuou publicamente por 50 anos em diversas áreas do conhecimento.

No que diz respeito aos critérios na edição das Obras Completas, há um padrão a nortear as decisões filológicas (por exemplo, atualização ortográfica, padronização editorial, manutenção da sintaxe; não se indicam rasuras, mudança de linhas etc.), mas há uma maleabilidade, de acordo com a data de publicação (é uma coleção, como se disse, que vem

sendo elaborada há 70 anos), com o tipo de texto e com as fontes disponíveis. Como cada tomo (ou volume) é composto por muitos textos, há que se informar as fontes e as raras interferências em cada um deles.

Como exemplo, temos o parecer “Condições de viuvez”, texto de 1912 (que integrará o tomo 5 do volume 39), em que Rui defende o direito de mulheres viúvas casarem-se novamente.

**FIGURA 3** – Tipos de fontes utilizadas.



Fonte: Manuscrito do parecer “Condição de viuvez”, de Rui Barbosa  
(Arquivo Histórico Institucional da FCRB : RB CJ 4/41-6).

[...] entre os velhos. A viuvez não poupa os moços. As bodas de prata e ouro não são regra geral. Não raro as alegrias da união conjugal se trocam rapidamente em luto, e com ela voltam, em plena mocidade, ao celibato os que, na véspera, ou pouco antes, o haviam deixado.

Não atino, pois, como é que a essas mesmas criaturas, a quem ontem se aconselhava a comunhão legal dos sexos como caminho da virtude, se há de recomendar hoje a incomunicabilidade entre eles como o abrigo da moralidade e da pureza. São os mesmos antes, com o mesmo viço de vida, com o mesmo, ou quase o mesmo calor de sexualidade; e, todavia, a situação de celibatários, que, ainda há pouco, haviam de esquivar por [...]<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Transcrição de trecho do manuscrito “Condição de viuvez”, de Rui Barbosa. Trata-se de texto inédito, ainda não publicado na coleção Obras Completas de Rui Barbosa.

Outra peculiaridade da edição das Obras Completas é o fato de praticamente não haver reescritura do texto por Rui. Um mesmo texto pode ter diferentes fontes: o manuscrito, a versão datilografada com ou sem correções de Rui (geralmente pontuais), publicação em um periódico ou mais, publicação em livros. As poucas divergências entre as fontes devem-se, na maior parte das vezes, a erros de impressão.

Em *Impressões de um amador*, edição diplomática com atualização da ortografia, que reuniu textos críticos de Gonzaga Duque e que foi organizada por Júlio Castañon e Vera Lins, há critérios que se assemelham um pouco aos das Obras Completas de Rui Barbosa. Os textos são agrupados em ordem cronológica de feitura, e certas formas linguísticas, hoje em dia consideradas inadequadas, são mantidas, a fim de preservar o estilo de Gonzaga Duque, que era afeito a neologismos. Exemplos interessantes são as palavras “exalo” (substantivo) e “paisagenal”, expressões cunhadas por Gonzaga. É preciso, contudo, conhecer o contexto literário e o autor para não confundir construções inusitadas com erros tipográficos.

Há que se destacar, ainda, exemplos de edições que assinalam as alterações feitas pelos autores em diferentes épocas. É o caso de *Os sertões* (1902), feita por Walnice Galvão, recém-editada pela Ubu, reúne uma parte da fortuna crítica, manuscritos do autor, mapas, fotos e toda a sorte de repercussão que esse livro colecionou ao longo dos anos, um trabalho de excelência que revigora a obra de Euclides da Cunha.

Nessa edição de 2016, Walnice traz um texto muito interessante acerca do trabalho que realizou ao cotejar as versões da obra de Euclides. Além disso, traz uma tabela que ilustra as alterações feitas por Euclides nas diferentes edições publicadas quando o autor ainda era vivo. Segundo a editora, o autor, menosprezado pelos modernistas por defender o uso castiço da língua, fez uma série de mudanças do texto ao longo das edições que publicou enquanto estava vivo, visando, sim, o abasileiramento do seu texto.

FIGURA 4 – Tabela de alterações feitas por Euclides da Cunha em *Os sertões*.

57 <sup>1ª</sup>	¶ Surgem	125 <sup>1ª, 2ª</sup>	... sua forma res-
57 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	gnaissegránicas que	126 <sup>1ª</sup>	salta como oriunda do
58 <sup>1ª</sup>	¶ A terra		por ali, há séculos, as
58 <sup>1ª</sup>	e lhes canalizassem as		foram, pouco a pouco,
58 <sup>1ª</sup>	energias		reprofundando-as
57 <sup>1ª, 2ª</sup>	para leste, a	129 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	plainos alteados. E
58 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	Esterеоgrafa-se duramente	130 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	variaram na molduragem:
	nas		aqui
59 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	gnáissicos e	<b>PÁGINA 21</b>	
60 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	Mantiqueira, em que se	131 <sup>1ª</sup>	apontam rijamente
60 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	Paraíba, e desfaz-se	131 <sup>2ª</sup>	apontam rijamente sobre
		131 <sup>2ª, 3ª</sup>	nível os
<b>PÁGINA 19</b>		136 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	menhirs colossais ou
63 <sup>2ª</sup>	malgrado, o	138 <sup>2ª</sup>	coliseus, em ruínas
66 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	vencendo, torturadas, o	140 <sup>2ª</sup>	lembram aquelas descon-
71 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	jazem subordinadas a		formes
74 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	ouro. ¶ Tal mudança	146 <sup>1ª</sup>	¶ É a
78 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	itacolomito, avassalando	152 <sup>1ª, 2ª, 3ª, AP</sup>	Açuaruá [Corrigimos para
78 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	alturas, agrava todos		Açuaruá]
82 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	mal se salienta, entre	153 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	paisagens, na
83 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	descem, encachoeirados,	163 <sup>2ª</sup>	perturbado
	para	164 <sup>1ª</sup>	norte, nos
84 <sup>1ª</sup>	levante tombando	<b>PÁGINA 22</b>	
86 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	planalto, arrimados	169 <sup>1ª</sup>	Paraguaçu - e
88 <sup>1ª, 2ª, 3ª</sup>	de abandonadas ao	169 <sup>2ª</sup>	Paraguaçu e

Fonte: *Os sertões*, editora Ubu.

Uma história rica no percurso da edição brasileira é o caso de *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, que teve a última edição feita pelo próprio autor em 1967. É possível dizer que esse clássico da sociologia foi sendo construído e desconstruído ao longo desses 30 anos, pois, além do famoso prefácio do crítico Antonio Candido intitulado “O significado de *Raízes do Brasil*”, que coroou definitivamente a obra, há mudanças substanciais em seu conteúdo.

Na edição crítica de 2016, da Companhia das Letras, produzida por Lilia Schwarcz e Pedro Monteiro, o leitor pode surpreender-se com a diferença entre o primeiro parágrafo da primeira edição, em que o livro começa com um tom otimista, e o de 31 anos depois, em que acontece uma mudança brutal:

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra (Reprodução do texto de 1967).

Todo estudo compreensivo da sociedade brasileira há de destacar o fato verdadeiramente fundamental de constituirmos o único esforço bem-sucedido, em larga escala, de transplantação da cultura europeia para uma zona de clima tropical e subtropical. Sobre território que, povoado com a mesma densidade da Bélgica, chegaria a comportar um número de habitantes igual ao da população atual do globo, vivemos uma experiência sem símile. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias,

e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda uns desterrados em nossa terra (Texto de 1936, reproduzido em nota de rodapé na edição) (HOLANDA, 2016, p. 39).

Embora *Os sertões* e *Raízes do Brasil* sejam textos de gêneros distintos – romance e ensaio –, são textos de importância para reflexão sobre a nacionalidade brasileira e, além disso, foram, senão reescritos, muito alterados pelos seus autores.

#### 4 Considerações finais

Durante a elaboração deste trabalho, a figura de um véu fez-se presente em meio às reflexões que fizemos acerca de edições de textos históricos: um véu caudaloso, formado por todos os trabalhos realizados em torno de uma obra, fortalecendo seu lastro e cobrindo as novas gerações com conhecimentos produzidos em tempos que as precederam.

A obra não é apenas o que tem de imanente, compreende, também, todo o esforço dos que cooperam para sua preservação e difusão. E esse véu oscila ao sabor das urgências do momento: voa em direção ao passado, quando é necessário corrigir imprecisões na gênese do texto; e também se lança adiante, revigorando e tornando longevas as obras que atravessam o tempo, os séculos, os anos.

Por fim, é importante lembrar o que nos ensina Cambraia (2005): todo texto, ao ser transmitido, sofre uma transformação, e, talvez, a parte mais fascinante desse paradoxo seja saber que tal transformação não é de via única, afinal, seus editores participam dela e, futuramente, seus leitores partilharão desse processo também. Essa percepção torna ainda mais admirável o trabalho dos editores, que tornam textos históricos relevantes e reveladores a cada novo contexto de edição.

#### Referências

ARAÚJO, Emanuel. *Publicação de documentos históricos*. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça: Arquivo Nacional, 1985.

BARBOSA, Afrânio; CALLOU, Dinah (Org.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1866-1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. (Coleção FCRB manuscritos, 2).

BARBOSA, Rui. *Direito do Amazonas ao Acre Setentrional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 37, t. 5, 1910).

Memória e Informação, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 74-85, jul./dez., 2022

BARBOSA, Rui. *Direito do Amazonas ao Acre Setentrional*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984. (Obras completas de Rui Barbosa, v. 37, t. 6, 1910).

CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COSTA, Hipólito José da. *Diário da minha viagem para Filadélfia*. Edição crítica Tânia Dias. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2016.

COUTO, Felipe Rabelo. A questão do Acre e a solução nacional de Rui Barbosa. *Revista Veredas da História*, v. 8, n. 1, p. 55-85, 2015. Disponível em: <http://www.seer.veredasdahistoria.com.br/ojs2.4.8/index.php/veredasdahistoria/article/view/162/153>. Acesso em: 5 abr. 2019.

CUNHA, Euclides da. *Os sertões*. Edição crítica e organização Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: editora Ubu; Edições Sesc, 2016.

GUIMARÃES, Júlio Castañon; LINS, Vera. Sobre esta edição. In: DUQUE, Gonzaga. *Impressões de um amador: textos esparsos de crítica (1882-1909)*. Belo Horizonte: UFMG; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Edição crítica de Pedro Meira Monteiro e Lília Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

VASCONCELOS, Simam. *Vida do veneravel padre Ioseph de Anchieta*. Lisboa: Ioam da Costa, 1672. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Avasconcellos-1672-vida/vidadovenerauelp00vasc.pdf>. Acesso em: ago. 2022.